

FAFE (Arões)

A igreja de São Romão de Arões situa-se na freguesia homónima do concelho de Fafe (distrito de Braga) do qual dista *circa* de 5 km. Saindo de Fafe siga, no sentido leste, pela rua Major Miguel Ferreira em direção à avenida das Forças Armadas e depois para a rua Cidade de Guimarães. Na rotunda saia na terceira saída em direção à EN206. Cerca de 3,4 km depois encontra a igreja.

Situada junto à antiga via medieval que de Guimarães seguia para Trás-os-Montes, a igreja paroquial implanta-se num pequeno núcleo da freguesia de São Romão de Arões. Este tipo de implantação é muito frequente no Entre-Douro-e-Minho. A população, distribuída num *habitat* disperso e polinucleado, tinha na igreja paroquial com o seu cemitério, o centro físico e simbólico de uma comunidade de vivos e de mortos.

A bacia do rio Ave representa, desde os tempos anteriores à definição de Portugal, uma das manchas com maior densidade de paróquias e mais intensamente povoada.

Muito embora São Romão de Arões não conste do *Censual de Entre Lima e Ave* [1085-1091], arrolamento promovido pelo bispo D. Pedro no âmbito da organização da Diocese de Braga, em documento de 1014 que confirma uma doação de vários bens feita por Ramiro II de Leão *circa* de 950 ao mosteiro de Guimarães, fundado pela Condessa Mumadona Dias nessa mesma época, é referido o *Mandamento de Arões*. Segundo Avelino Jesus da Costa este *Mandamento* deveria incluir também o território da futura paróquia de Santa Cristina de Arões, tendo a divisão entre ambas ocorrido em data incerta. Os *mandamentos* concedidos por Ramiro II correspondiam a verdadeiros senhorios sobre os quais o mosteiro de Guimarães exercia prerrogativas jurisdicionais, como esclareceu José Mattoso. O *Mandamento* de Arões é novamente mencionado em documento datado de 1059, inventário dos bens do mosteiro de Guimarães realizado por ordem de Fernando I e Dona Sancha, reis de Leão e Castela. Neste documento refere-se explicitamente o *Mandamento de arones cum villa paredes et varzenella et ecclesias*, permanecendo em dúvida se uma das *ecclesias* mencionadas se situava no *mandamento* de Arões.

O povoamento da região de Guimarães, definida pelos rios Ave, a norte e o Vizela, a sul, é já muito denso no séculos X, testemunhando uma ocupação e uma organização económica e social, como já demonstrou Luís Amaral, a que não terá sido alheia a fixação da sede política dos condes portucalenses, Hermenegildo Gonçalves e Mumadona Dias em Guimarães desde a segunda metade do século X, bem como a fundação do mosteiro vimaranense por Dona Mumadona. O número de igrejas e mosteiros fundados entre os séculos X e XIII acusa esse dinamismo da área de Guimarães, mancha de ocupação "que resume, intensamente a personalidade-base do Minho medieval", como escreveu C. A. Ferreira de Almeida.

Nas Inquirições Gerais de 1220, ordenadas por D. Afonso II, São Romão é já registada como uma das freguesias que integravam a Terra de Guimarães. *Domnus Gomecius Martiniz* era então o pároco da igreja de Arões, provavelmente o mesmo que é referido na epígrafe de dedicação da igreja em 1237, como já notou Mário Barroca.

Igreja de São Romão

CONSTRUÍDA EM GRANITO e aparelho pseudo-isódomo a igreja de São Romão é composta por cabeceira de planta retangular com cobertura em abóbada

de berço quebrado e por uma nave coberta por teto de caixotões de madeira que data das reformas da época moderna. Encostada à fachada norte ergue-se uma sacristia e



Perspetiva geral do alçado oeste

uma sineira construídas aquando das obras de restauro do século XX.

Exteriormente, os alçados dos muros laterais da cabeceira são animados por arcadas-cegas, solução que não tem paralelos no românico português embora a sua utilização seja frequente no interior das cabeceiras. Em Arões, as arcadas-cegas apresentam pequenas frestas aí abertas nas obras de restauro que também refizeram o paramento do muro norte, uma vez que este se encontrava parcialmente oculto por uma sacristia então demolida. O conhecimento destas obras, realizadas pela Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) nas décadas de 1930 e 1940, é fundamental para o entendimento desta igreja. Anteriormente à campanha de restauro a cabeceira apresentava um acrescento no sentido leste, que aumentou a dimensão do segundo tramo, como é visível numa planta então levantada assim como nas fotografias realizadas durante as obras (SIPA). A demolição desse acrescento obrigou a uma recomposição da parede oriental da cabeceira que se traduziu no arranjo do aparelho, na colocação de um friso de bilhetes de feição românica e na construção de uma fresta *estilisticamente* restaurada. Muito embora atualmente os dois alçados laterais da cabeceira estejam coroados por uma

cornija profunda assente em cachorros, o coroamento do alçado norte é obra do restauro. Como este muro já não conservava nem a cornija nem os cachorros, contrariamente ao muro sul, teremos de considerar que os cachorros que hoje aí se encontram foram reaproveitados ou feitos de novo, prática comum nas obras de restauro da DGEMN nas décadas de 1930 e 1940. Entre os sete cachorros aqui presentes somente dois aparentam ser originais. Em ambos a decoração é geométrica.

A profunda cornija do muro sul assenta em cachorros de perfil retangular e com escultura que acompanha a morfologia da peça. Entre os sete cachorros contam-se três com figuração animalista – uma cabeça de animal de difícil identificação e dois que figuram felinos –, dois com uma decoração vegetalista, um outro onde foi esculpida uma pipa e um sem qualquer decoração.

Na nave, os alçados sul e norte são coroados por cornija pouco profunda que assenta em cachorros de perfil quadrangular onde, só pontualmente, foi inciso um motivo geométrico. No muro sul abre-se um portal, ladeado por um contraforte que fica muito abaixo da cornija. O alçado deste portal não apresenta colunas, estando encaixado na espessura do muro. É composto por uma arquivolta de

aduelas lisas, por um arco envolvente que também não apresenta escultura e por um tímpano.

Gravada na face exterior do tímpano conserva-se uma inscrição datada de 22 de Março de 1237. Segundo Mário Barroca, cuja proposta de leitura apresentamos, trata-se de uma inscrição comemorativa da dedicação da igreja pelo arcebispo de Braga D. Silvestre Godinho, sendo então abade D. Gomes, muito provavelmente *Domnus Gomecius Martiniz* que, como já foi referido, consta como pároco nas Inquirições de 1220:

ABBAS · DOMNUS · GOMEX [Sic] / Era · M^a · CC^a · 2XX^a · V · MENSE /
MARCIO · XX · II · DIE · MENSIS · DE / DICATA · EST · HOC ·
ECCLESIA AB / ARCHIEPISCOPO · DOMNO · SILVESTRO ·

O alçado sul é ainda composto por três frestas, obra do restauro do século XX que eliminou os dois vãos retangulares da Época Moderna e por um contraforte que se

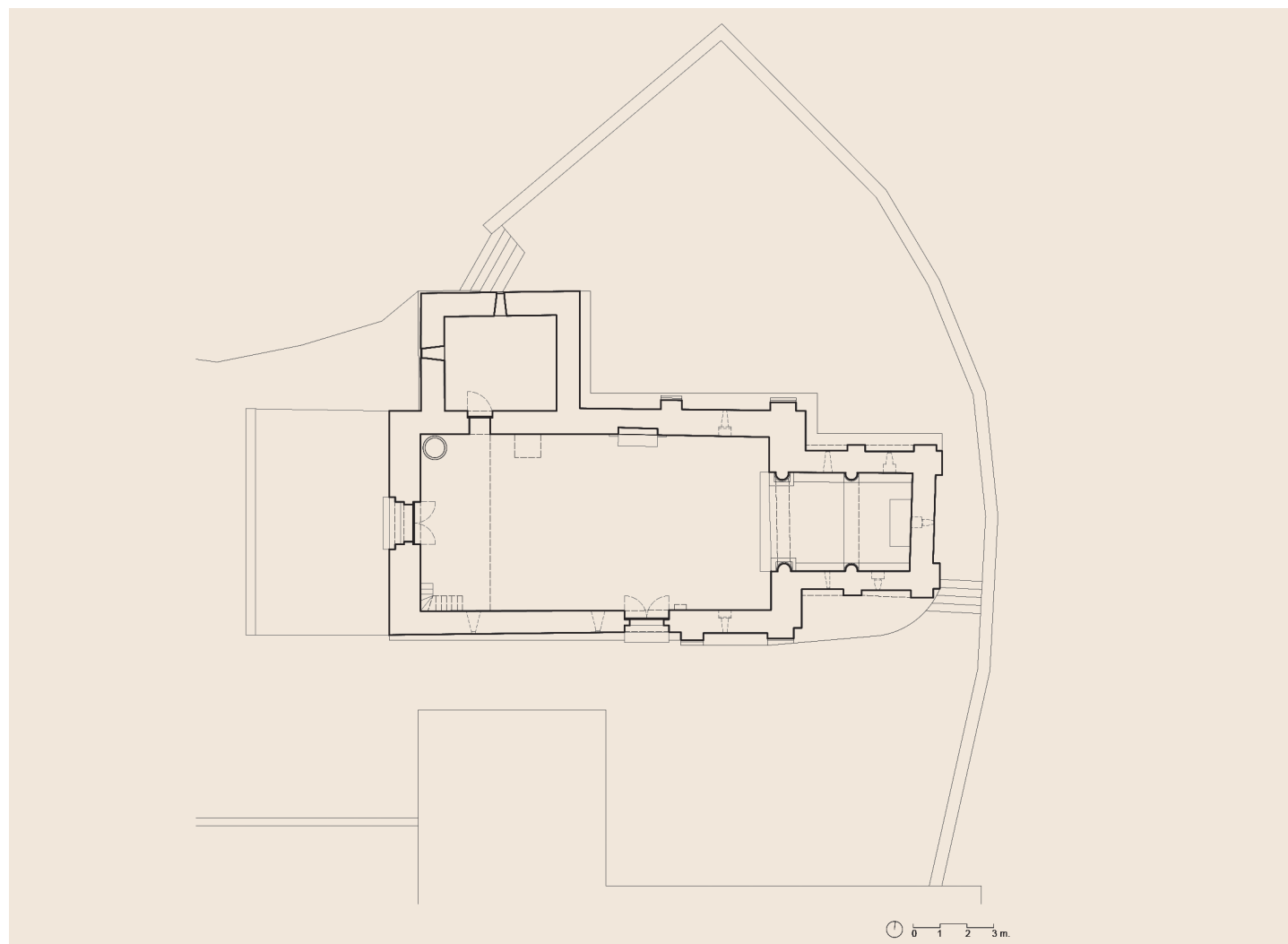
ergue no limite oriental do alçado. A presença de duas mísulas indicia a existência de um alpendre.

No muro norte abrem-se duas frestas e um portal que dá acesso à sacristia, datando estes elementos das obras de restauro. Um contraforte, que não sobe até à cornija, é semelhante ao exemplar já descrito do alçado sul.

Na fachada principal, coroada por empena de duas águas, abre-se um portal e, sobre este, uma estreita fresta, obra do restauro. O alçado deste portal é muito semelhante ao do portal sul embora apresente duas mísulas que sustentam o tímpano. Durante as obras de restauro foi encaixada, na parte superior do tímpano, uma peça retangular com a representação do *Agnus Dei*, certamente um dos elementos românicos esculpidos encontrados durante aquela campanha de obras.

Este tema que tem origem na visão do Apocalipse, escrita por São João Evangelista, alude ao sacrifício de Cristo, o Cordeiro de Deus, que morre na cruz pela salvação

Planta

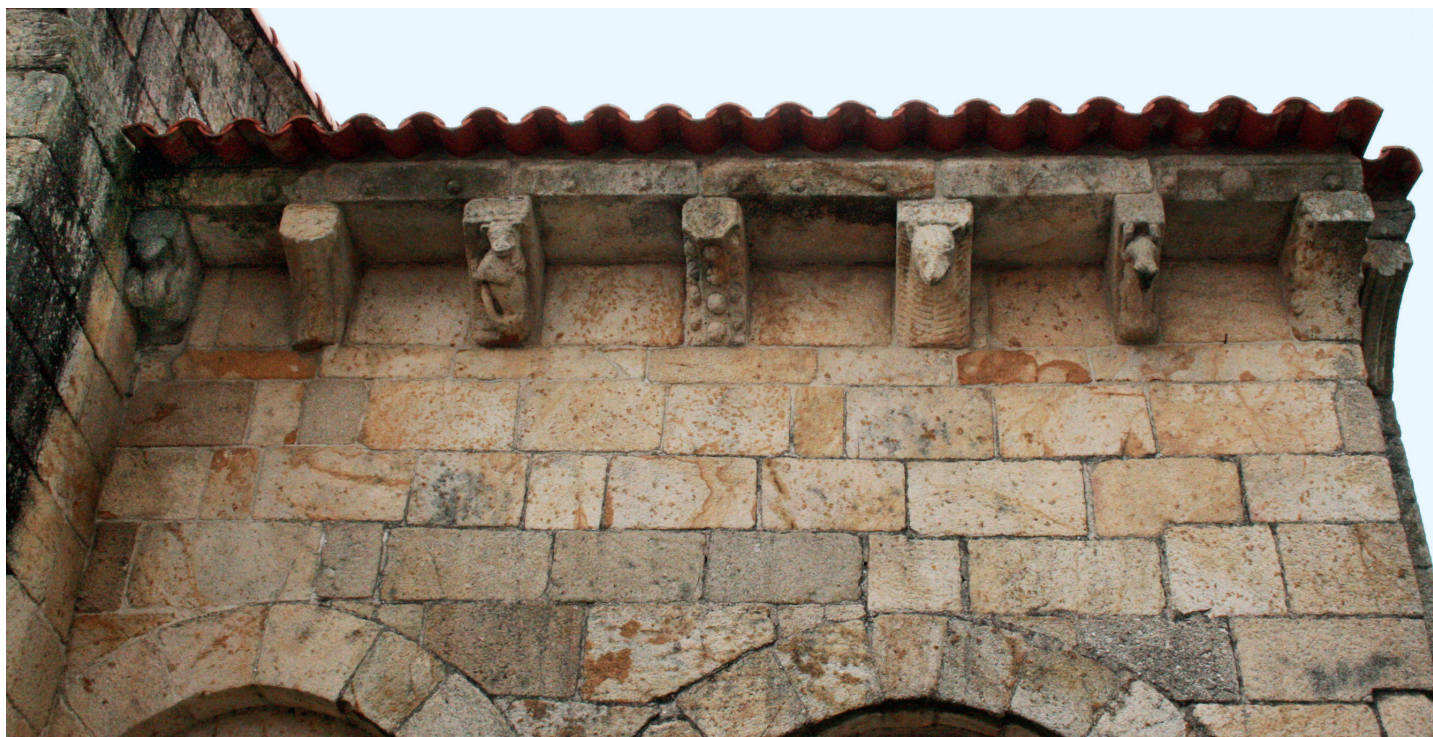




Alçado norte

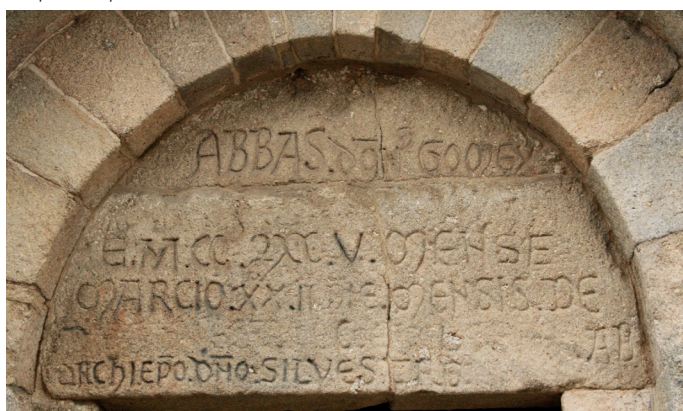


*Alçado sul.
Pormenor*



Pormenor da cachorrada da cabeceira. Alçado sul

Tímpano do portal sul



Tímpano do portal ocidental



da humanidade. O *Agnus Dei* é um dos temas mais glosados nos tímpanos das igrejas românicas do Entre-Douro-e-Minho e em nenhuma parte da Europa se vulgarizou tanto como nesta região, segundo C. A. Ferreira de Almeida.

Encastoadada em muro a oriente da igreja, aquando das obras do restauro, conserva-se uma série de peças românicas que terão pertencido ao portal principal, à cachorrada do muro norte da cabeceira e, provavelmente, a um portal norte.

Entre estas peças destaca-se um cachorro de rolos e um outro com uma cabeça de animal, de tipologia semelhante aos cachorros do muro sul da cabeceira. Uma vez que o muro norte não apresentava cachorros,

anteriormente às obras de restauro, é muito provável que estes dois elementos sejam oriundos desta parcela. Entre os outros elementos que já não estão *in situ* destacamos as aduelas com *beak-head*, motivo glosado em outros conjuntos românicos, como o portal da torre do mosteiro de São Salvador de Travanca (Amarante) e as impostas que derivam das palmetas clássicas, semelhantes às de São Pedro de Rates (Póvoa de Varzim) e de outros exemplares da área bracarense. Merecem igualmente destaque as peças quadrangulares com o signo-saimão, cruzes e uma figura humana que, pela sua forma, aparentam ter tido a função de métopas ou de elementos encaixados em tímpanos. O significado desta escultura é de difícil interpretação,



Perspetiva geral do interior da igreja a partir do lado oeste

embora as cruzes gravadas nos portais tenham um sentido apotropaico, assim como o signo-saimão, elementos comuns a várias igrejas românicas na região do Entre-Douro-e-Minho.

O interior da cabeceira, coberta por abóbada de berço quebrado, é composto por dois tramos divididos por

um arco toral assente em colunas. As colunas dos arcos triunfal e toral assentam sobre embasamentos muito altos, aspeto que confere singularidade a esta parcela da igreja. Os capitéis apresentam uma acentuada dimensão, quando comparados com o pé-direito da cabeceira, e uma distribuição das figuras que realça muito o cesto e o colarinho.



Interior. Pormenor da cabeceira



Interior. Cabeceira. Coluna do lado da Epístola

No arco triunfal, onde subsiste policromia, as arquivoltas mostram escultura em folhas lanceoladas, palmetas, ovas e motivos encordoados que seguem modelos muito difundidos na área bracarense entre os séculos XII e XIII. No arco triunfal, os temas dos capitéis têm paralelos com os da segunda fase da igreja de São Pedro de Rates, datada de meados do século XII. No capitel do lado da Epístola, estão esculpidos quatro animais que se afrontam nas esquinas e engolem duas figuras humanas dispostas de cabeça para baixo. No ábaco pontuam serpentes entrelaçadas. O capitel oposto mostra duas aves afrontadas que bebem do mesmo cálice esculpido na esquina, enquanto na face central figuram, na parte superior uma cabeça humana, e na parte inferior uma cabeça de animal, tendo o ábaco recebido um motivo vegetalista. No arco toral, que divide os dois tramos da cabeceira, os capitéis apresentam escultura vegetalista e entrelaços dos quais emergem pequenas cabeças humanas e animais. Nos ábacos pontuam motivos fitomórficos. Nas bases também há escultura animalista, como a de duas serpentes que se entrelaçam. No românico é frequente que a serpente simbolize o mal e o diabo. Mas o significado dos motivos esculpidos na cabeceira de Arões é, como em grande parte do românico português, de complexa interpretação. Contudo, entrevemos

nesta escultura um sentido antitético, de forças opostas e de luta entre a figuração humana e a figuração animalista. O capitel em que dois animais engolem um ser humano apresenta um dos temas mais recorrentes no românico europeu cujo sentido é precisamente o da ameaça a que o homem está sujeito e que só Cristo e os santos podem combater com a sua capacidade para dominar as forças do mal.

Os frisos com motivos de enxaquetado e elementos de caráter geométrico que acompanham os muros laterais e oriental da cabeceira são obra do restauro do século XX, muito provavelmente inspirados no friso original em enxaquetado que remata superiormente o arco triunfal. No interior da nave restam os muros românicos muito embora haja parcelas que foram alteradas na Época Moderna para receberem retábulos.

Tendo em conta a descrição da igreja, cremos que os cachorros do muro sul da cabeceira, de perfil retangular e com escultura que acompanha a morfologia da peça, revelam maior antiguidade do que os cachorros lisos da nave. Por outro lado, a cornija que sustentam é mais profunda do que a cornija do corpo da igreja, o que também indicia que as duas parcelas – nave e cabeceira – podem corresponder a épocas distintas.



Interior. Capitéis da cabeceira

Segundo C. A. Ferreira de Almeida, a igreja de São Romão de Arões é um precioso testemunho do românico do Entre-Douro-e-Minho. O ano da sua dedicação (1237), inscrito no tímpano do portal sul, é uma data-chave para a aferição da cronologia de outras igrejas, como a paróquia de Santa Maria de Veade (Celorico de Basto) e outros exemplares que receberam influências da fábrica do

mosteiro de São Pedro de Rates. Todavia, e segundo o mesmo autor, a cabeceira da igreja apresenta soluções frequentes nos meados do século XII na região de Braga, como o tipo de cachorro, os capitéis volumosos, as bases das colunas e os motivos do friso que corre sobre o arco triunfal. Considerando que a igreja remonta ao segundo quartel do século XIII, época a que corresponde a data de dedicação,



Exterior. Peças avulsas

C. A. Ferreira de Almeida interroga-se sobre os critérios de datação adotados para definir as cronologias do românico em Portugal uma vez que a conjugação entre o arco quebrado da abóbada, os elementos que sugerem os meados do século XII e a data de dedicação não deixam de resultar numa cabeceira "muito uníssona".

Como é sabido, era frequente que entre a sagração do altar e a conclusão de uma igreja, com a consequente gravação da epígrafe, mediassem muitos anos, o que explica diferentes reportórios figurativos e até diversas soluções arquitectónicas entre a cabeceira e a nave de uma igreja. cremos que a cabeceira de São Romão de Arões pode datar do século XII, tendo em conta que o perfil quebrado da abóbada é já utilizado nessa centúria, como demonstra a igreja do mosteiro cisterciense de São João de Tarouca (Tarouca, Viseu), sagrada em 1169.

A nave de São Romão de Arões é certamente posterior, como bem expressam a cornija, os cachorros e o portal ocidental, muito embora a alteração parcial dos paramentos na Época Moderna dificulte uma datação mais precisa.

Texto: LCR - Fotos: MF/MS/MLB
Planos: GM/MF/MS (sobre SIPA-DGPC)

Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F., 1978a, pp. 142 e 190; ALMEIDA, C.A.F., 1986b, p. 72; ALMEIDA, C.A.F., 2001, pp. 104-105, 112 e 135; AMARAL, L.C., 2009, p. 121; COSTA, A.J., 1959, p. 230; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 311 (de 1237, março, 22); MATTOSO, J., 2001a, pp. 201-208; PMH, DC, doc. n.º 223 (de 1014), doc. n.º 420 (de 1059); PMH, INQ., p. 11 (de 1220).

